

O ARCANO MAIOR DO TARÔ O ENFORCADO E A CONDIÇÃO DE RENDIÇÃO DO EGO NO PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO¹

Maria Silvia Parente Cronemberger e Furtado²

Este texto se propõe a apresentar uma análise dos símbolos da carta O Enforcado e sua correspondência com a etapa de desenvolvimento psicológico, representada pela rendição ou sacrifício do ego, tão necessária para que se caminhe no processo de individuação. Também busca compreender e apontar o que leva e possibilita o ego a transcender seu sistema de crenças e passar a ser um agente ativo, neste processo.

A psicologia analítica foi criada por Carl Gustav Jung, que deixou um legado fundamental para a ciência da psicologia como um todo. Ele elaborou conceitos determinantes para a ampliação do campo de ação dessa ciência, tais como: inconsciente coletivo, arquétipos, self, processo de individuação, teleologia, sombra, complexos, anima, animus, persona, função transcendente, tipos psicológicos etc. Jung também contribuiu para uma compreensão mais abrangente da energia psíquica, ao ampliar o conceito de libido, que na teoria freudiana ficava restrito apenas à energia sexual.

A libido ou energia psíquica é a intensidade de energia que existe em todos os conteúdos psíquicos. Esta energia provém do inconsciente e não pode ser destruída, mas pode ser transformada ou canalizada para outras formas de expressão.

Como será visto no decorrer deste texto, o acesso aos arquétipos é feito através de símbolos e imagens arquetípicas que possibilitam que quantidades cada vez maiores de energia psíquica ou libido sejam levadas do inconsciente para a consciência, ampliando-a. O caminho da evolução da humanidade se confunde com o próprio desenvolvimento da consciência e é o resultado das transformações da libido ou energia psíquica, também chamada vontade.

A psicologia junguiana também é chamada de psicologia simbólica, porque Jung reconheceu o papel determinante do mundo simbólico na psique humana. Ele valorizou todos os métodos de comunicação não racional que se valiam da linguagem simbólica, tais como o Tarô, a astrologia, o Iching etc.

A questão a ser discutida aqui é se o arcano O Enforcado poderia simbolizar este enorme desafio que representa a rendição do ego, e sua pequena vontade, ao self. Pretende-se utilizar os símbolos contidos no arcano maior O Enforcado, do tarô de Marsella, como instrumento de acesso às experiências arquetípicas encontradas no inconsciente que têm a ver com o objeto de

¹Texto adaptado de Trabalho Monográfico apresentado ao Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa (IJEPE), no ano de 2019

²Psicoterapeuta Junguiana

estudo deste trabalho. Com isso busca-se confirmar a hipótese, aqui levantada, de que o arcano O Enforcado representa esta condição de rendição ou sacrifício do ego ao self, necessária para o processo de individuação.

Na sociedade contemporânea, inserida em uma cultura individualista, hedonista e voltada para o poder do ego, resta claro a tremenda dificuldade deste, para vivenciar as fortes energias arquetípicas evocadas pelo arcano O Enforcado. O objetivo então, é possibilitar a compreensão dos perigos e promessas inerentes a essa etapa vivenciada pelo ego, para que estes desafios possam ser entendidos como oportunidades de crescimento e expansão da consciência e não como castigo ou sofrimento para o ego.

O desenvolvimento e expansão da consciência consiste no próprio processo de individuação e acontece através da ampliação do diálogo entre consciente e inconsciente. Isso ocorre quando a consciência vai podendo assimilar e integrar conteúdos psíquicos, que antes lhe eram inconscientes. A fluidez desta comunicação fortalece este eixo ego/self. O trabalho do ego equivale à assimilação de conteúdos sombrios, à desidentificação das personas e à integração dos conteúdos psíquicos que se opunham no consciente e no inconsciente. É da natureza do self, arquétipo da totalidade, promover o movimento do ego nesta direção, criando situações que o façam sair de sua letargia e polarização no aspecto racional da vida.

É um trabalho que o ego vai precisar fazer e que não acontece automaticamente. Depende de sua participação ativa em um processo que acontece internamente: a libido ou vontade vai ser direcionada para outro centro ordenador. Este movimento é chamado de sacrifício ou rendição, pois o ego necessita abrir mão de seu sistema de crenças e do controle, que sempre exercera sobre a consciência. Portanto, é um confronto entre duas forças dentro da psique.

Trata-se de um exercício de fé, representado pela atitude de imobilidade e exposição à outras forças que não as anteriores. Esta aceitação e entrega à uma vontade maior que a sua, que é a própria vontade do self, o habilita à introdução no mundo simbólico e transcendente da existência, onde vai poder fazer a integração de seus conteúdos psíquicos conscientes e inconscientes. O símbolo é a linguagem da psique e através dele flui a comunicação neste eixo ego/self.

As cartas do tarô representam simbolicamente os arquétipos ou forças instintuais contidas no inconsciente. Ao utilizar a imagem do arcano O Enforcado para se falar da experiência arquetípica do sacrifício do ego, está-se utilizando neste trabalho uma linguagem simbólica para acessar conteúdos que estão parcial ou totalmente inconscientes. O símbolo contempla a melhor definição para algo que não é totalmente conhecido.

Os conceitos de psique, inconsciente coletivo, arquétipo e instinto, inconsciente pessoal, sombra e complexo, consciência, ego e persona, self, processo de individuação, metanoia, símbolo e

função transcendente, enantiodromia são extensamente discutidos na obra de C.G. Jung, conceitos estes também utilizados para ratificar a discussão aqui pretendida. Além disso, serão utilizadas também as referências de Erich Neumann quando aborda o desenvolvimento da consciência.

Os conceitos relacionados ao mito do significado são conduzidos a partir da discussão proposta por Aniela Jaffé, enquanto para a análise da temática do tarô toma-se como base a referência de Sallie Nichols, Juliet Sharman-Burque & Liz Greene e PramadVeet.

O procedimento metodológico utilizado será de uma análise simbólica entre os conceitos junguianos relacionados ao tema da monografia e ao tarô, especificamente sobre o arcano maior O Enforcado. Será utilizado como referência principal o tarô de Marsella.

Este artigo será dividido em três tópicos principais: no primeiro serão abordados os conceitos junguianos que darão suporte a discussão, o qual se propõe a apresentar os fundamentos da psicologia junguiana que serão necessários para a compreensão da temática. No segundo, será apresentado o objeto de estudo: o Tarô e o Arcano Maior O Enforcado, buscando analisar os símbolos evocados por essa carta, sob o ponto de vista psicológico do processo de individuação. No terceiro tópico, O Enforcado e o Significado da Rendição ou Sacrifício do Ego no Processo de Individuação, será visto como essa situação arquetípica pode contribuir para o restabelecimento do eixo ego/self e se tornar fundamental para expansão da consciência.

Sendo assim, o que se propõe é o aprofundar de uma discussão sobre a relação entre o tarô, especificamente sobre o arcano O Enforcado e a teoria junguiana, quando aborda as questões sobre o processo de individuação e suas nuances.

FUNDAMENTOS DA PSICOLOGIA JUNGUIANA

Aqui serão apresentados os principais conceitos da psicologia junguiana que são pertinentes ao tema deste trabalho.

Estrutura da Psique

A psique é a verdadeira realidade para além da matéria, é o todo e é a parte, é o centro e é a periferia, é tudo o que conhecemos e tudo o que não conhecemos. Tudo começa como imagem na psique e sem ter acesso à uma imagem na mente não se poderia fazer contato com a “realidade” de qualquer experiência, quer seja objeto, pessoa, emoção. Esse todo engloba o inconsciente coletivo, o inconsciente pessoal e a consciência. Segundo Jung, “a psique é feita de uma série de imagens” (JUNG, 2016, p. 281), “tudo nos é transmitido através da psique: traduzido, filmado, alegorizado, desfigurado e mesmo falsificado” (JUNG, 2016, p. 283).

No inconsciente coletivo encontramos toda a herança espiritual da evolução da humanidade, isto é, o resultado de milhões de anos de experiências humanas, que são os instintos e os arquétipos. Segundo Jung, “o inconsciente coletivo pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal” (JUNG, 2017, p. 51). Por isso podemos dizer que o inconsciente coletivo representa a parte objetiva do psiquismo, aquela que diz respeito ao coletivo. Nessa camada da psique somos todos um, nela não existe individualidade e é onde encontram-se padrões arquetípicos de origem desconhecida, arcaicos. Os arquétipos não são acessados diretamente, mas sim através das imagens arquetípicas que podem surgir nos sonhos, delírios, na produção artística, na mitologia etc.

“A palavra arquétipo deriva do grego e significa cunhagem original. Em psicologia, os arquétipos representam padrões da natureza humana. Como grandezas inconscientes, permanecem também irrepresentáveis e ocultos, mas se tornam indiretamente discerníveis pelas combinações que produzem na nossa consciência: os motivos análogos apresentados pelas imagens psíquicas e os motivos típicos de ação nas situações primordiais da vida—nascimento, morte, amor, maternidade, transformação etc. O arquétipo per se é como um criador por trás dos motivos arquetípicos, mas só estes são acessíveis à consciência”. (JAFFE, 1995, p. 18)

Segundo Jung, “o arquétipo e o instinto constituem os opostos da mais extrema polaridade” (JUNG, 2016, p. 155). Então, eles fazem parte de um mesmo espectro: no polo somático, relacionado às experiências corporais, biológicas, encontram-se os instintos e no polo energético ou espiritual, encontram-se os arquétipos. Ambos são informação em movimento. O arquétipo, por pertencer à humanidade, é universal e atemporal e permanece o mesmo, enquanto a imagem arquetípica é sempre atualizada e pessoal.

A parte da psique que diz respeito às experiências individuais é chamada de consciente e inconsciente pessoal, por isso é considerada a parte subjetiva do psiquismo. O inconsciente pessoal é como se fosse a parte submersa de um iceberg neste oceano coletivo. Nele se encontram as memórias perdidas, impressões subliminares, conteúdos reprimidos e conteúdos ainda imaturos para a consciência, enfim, as experiências vividas por um indivíduo. Nesta parte submersa deste iceberg encontram-se os complexos e a sombra, que são funções psíquicas muito importantes para a psicologia junguiana.

Os complexos são estruturas fundantes do inconsciente pessoal. São ilhas de consciência que vão se formando ao redor de uma ideia ou imagem carregada emocionalmente e que ganham força e conteúdo à medida do desenvolvimento da personalidade. Funcionam como proteção da psique individual e são responsáveis por fazer a adaptação do coletivo para o individual. Todo núcleo de um complexo é um arquétipo. Segundo Jung, “a via regia que nos leva ao inconsciente ... são os complexos, responsáveis pelos sonhos e sintomas”. (JUNG, 2016, p. 49)

“O complexo é a imagem de uma determinada situação psíquica de forte carga emocional e, além disso, incompatível com as disposições ou atitude habitual da consciência e tem sua totalidade própria e goza de um grau relativamente elevado de autonomia...” (JUNG, 2016, p. 43)

“Eles são grupos autônomos de associações, com tendência de movimento próprio, de viverem sua vida independentemente de nossa intenção. (...) o nosso inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo constituem um indefinido, porque desconhecido, números de complexos ou personalidades fragmentárias.” (JUNG, 2013, p. 108)

A sombra, ou conteúdos sombrios também ficam no inconsciente pessoal, são conteúdos reprimidos, negados ou jamais reconhecidos pelo ego. É tudo aquilo que uma pessoa não tem desejo de ser nem de mostrar. O ego discrimina: isso é bom, vai para a persona, vai para o consciente; isso é ruim, vai para a sombra, para o inconsciente pessoal. Por isso funciona como função psíquica intermediadora entre o ego e o mundo interno. Por ser um arquétipo, não deveria ser considerada nem boa nem ruim.

“A figura da sombra personifica tudo o que o sujeito não reconhece em si e sempre o importuna, direta ou indiretamente, como por exemplo traços inferiores de caráter e outras tendências incompatíveis” (JUNG, 2017, p. 284)

A parte visível do iceberg imerso no “oceano” do inconsciente coletivo é chamada de consciência, ela contém as experiências psíquicas controladas pelo ego. Da consciência fazem parte o complexo do ego e a persona. O ego é uma espécie de gestor da consciência, mas não representa a totalidade desta. “A consciência origina-se de uma psique inconsciente, mais antiga do que a primeira, que continua a funcionar juntamente com a consciência ou apesar dela” (JUNG, 2017, p. 280).

Para a Psicologia Junguiana a trajetória de desenvolvimento do ego é muito relevante, porque apresenta as fases pelas quais o ego percorreu neste processo de desenvolvimento da consciência, tanto coletiva, quanto individual: primeiro ele vive uma união indiferenciada com o self (fases do Pleroma e Uroboro), depois o ego passa por uma gradual separação, fortalecimento e estruturação (fases do matriarcado, patriarcado, alteridade) para então, como ego estruturante, flexível e desassemelhado, poder trilhar um caminho de reaproximação com o self. Este movimento percorrido pelo ego é chamado na Psicologia Junguiana de Processo de Individuação.

“Durante a formação do ego, na primeira infância, ocorre pela primeira vez, uma contração na consciência, tornando-se o ego o órgão representativo da totalidade. Na puberdade, o indivíduo, como um ego, sente-se a si mesmo como o representante da totalidade coletiva. Torna-se um membro responsável da comunidade e se relaciona com ela da mesma maneira criativa com que o ego se relaciona com o inconsciente. Entre a puberdade e a época do climatério, um período de expansão ativa, que se reverte no início da segunda metade da vida, é resolvida a dialética exterior entre o indivíduo e a coletividade. A segunda metade da vida leva depois, através da individuação, à resolução da dialética interior, isto é, entre o ego e o inconsciente coletivo”. (NEUMANN, 1995, 291)

O ego funciona como um administrador da consciência na medida em que todos os conteúdos psíquicos que se tornam conscientes precisam necessariamente passar por ele. Isto o induz a acreditar na ilusão de ser uma unidade, quando na verdade, o ego é um dos complexos que constituem a realidade psíquica do indivíduo. O diálogo entre todos esses conteúdos que compõem a estrutura psíquica consciente e inconsciente é o próprio processo evolutivo da psique que consiste na reunião das partes separadas.

Na consciência, além do ego encontra-se a persona, que é uma função psíquica ou complexo intermediador entre o ego e o mundo, também chamada de máscara social. É um arquétipo de extrema importância para as relações humanas. Um indivíduo saudável é aquele que transita pelas personas, usando-as sem ficar identificado com elas.

“Como seu nome revela, ela é uma simples máscara da psique coletiva, máscara que aparenta uma individualidade, procurando convencer aos outros e a si mesma que é individual, quando na realidade não passa de um papel ou desempenho através do qual fala a psique coletiva. Ela é um compromisso entre o indivíduo e a sociedade”. (JUNG, 2015, p. 151)

De acordo com tudo que foi dito, deduz-se que é importante a fluidez de comunicação entre os conteúdos conscientes e inconscientes, para o equilíbrio e funcionamento saudável da psique. O inconsciente coletivo e pessoal e o consciente interagem o tempo todo. A qualidade desta interação vai fazer toda a diferença na vida do indivíduo e se essa conexão ficar diminuída ou danificada, o homem adoece. Essa relação entre consciente e inconsciente também pode ser chamada de relação entre ego e self ou eixo ego/self.

Self

Self é o arquétipo da totalidade na Psique. As imagens circulares, geralmente chamadas de mandalas, que em sânscrito significa círculo, por conterem um centro e uma periferia, são consideradas a representação perfeita do self. Psicologicamente o mandala, por simbolizar o self, tem a função curativa de reunir opostos, aparentemente irreconciliáveis.

“Jung designa como self o arquétipo da totalidade humana. É o verdadeiro coordenador transcendental da vida e da natureza humana. O desenvolvimento da personalidade, do nascimento à morte, sua vida interna e externa, representam, ainda que de modo fragmentário, o desdobramento e a realização do arquétipo do self que se encontra no inconsciente. Jung também considera o self como o objetivo da vida”. (ANIELA, 1995, p. 24 - 30)

O self, também chamado Imago Dei ou a imagem arquetípica de Deus dentro da alma humana ou psique, cria as condições para que aconteça a união dos opostos na psique, também chamado de processo de sизígia, pois ele deseja que o ego participe do processo evolutivo da psique. O self ou inconsciente se utiliza de inúmeros meios como por exemplo sonhos, sincronicidade,

expressões artísticas, religiosas, criativas e também variados tipos de sintomas para possibilitar a mudança da unilateralidade da consciência egoica, na direção do processo de individuação. Por unilateralidade de consciência egoica compreende-se uma tendência do ego à rigidez, falta de permeabilidade e fraqueza, ficando inviabilizado o diálogo interno que deve existir entre o ego e os outros complexos que compõem a estrutura da psique. Existindo, portanto, a tendência do ego em priorizar as experiências exteriores, isto é, voltadas para o mundo externo, visível, concreto, e em minimizar ou anular as suas experiências interiores. É importante ressaltar a correlação que Jung faz entre os conceitos de experiência interior e experiência religiosa:

“Jung mostrou que a maior ajuda ao homem moderno, na sua angústia espiritual, no seu sentimento de estar perdido num mundo sem sentido, é o caminho da experiência interior. Em vez da fé que se perdeu, Jung pede a ele uma nova e intensa participação na vida religiosa: porque a experiência interior, o encontro com os conteúdos do inconsciente, é em função do que foi dito, uma experiência religiosa”. (ANIELA, 1995, p. 57)

“...a experiência nos mostra que as religiões não são elaborações conscientes, mas processos da vida natural da psique, dando-lhe adequada expressão” (JUNG, 1995, p. 36)

Por isso, considera-se na terapia junguiana importante saber qual é a imagem que o paciente/cliente tem de Deus. A própria imagem de Deus (Imago Dei) tem a ver com o relacionamento que o indivíduo tem com o self. Isto é muito importante, porque o processo de cura está dentro de cada um, na sua relação com o próprio self (si mesmo). Como já foi dito no item 1 deste capítulo, o eixo ego/self forma a base da saúde psíquica, pelo fato de estabelecer a conexão do ego com nosso curador interno, que é o próprio self.

O conflito da metanoia (palavra de origem grega formada pelo prefixo meta que significa o que está além, aquilo que transcende e pelo sufixo noia um verbo que tem como significado o pensar, a razão, a compreensão, portanto, metanoia significa expansão da consciência, ir além da razão lógica) é o indivíduo conseguir passar da religião exterior para a religião interior. A religião exterior, das instituições, dogmas, ritos, é transcendente, nela é preciso sair de si para encontrar Deus lá fora. A religião interior é o contato íntimo do homem com seu numinoso, com o seu centro sagrado. É preciso para isso estar num processo de desenvolvimento da consciência que Jung chamou de Processo de Individuação.

O processo de individuação

Para Jung, o processo de individuação é uma questão de desenvolvimento psicológico, muito relacionado à segunda metade da vida, que também é chamado de metanoia.

“Individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por “individualidade” entendermos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si-mesmo...” Jung vol 7/2, Ed vozes, 2017, p 266.’’ Uso o termo “individuação”

no sentido do processo que gera um “individuum” psicológico, ou seja, uma unidade indivisível, um todo” (JUNG, 2017, p. 274)

Jung apontava para a necessidade de se estabelecer uma conexão saudável entre ego e self, isto é, entre consciente e inconsciente, especialmente na fase da metanoia, para que não se corresse o risco da instalação de sérios problemas psicológicos.

“Entramos totalmente despreparados na segunda metade da vida e, pior do que isso, damos este passo, sob a falsa suposição de que nossas verdades e nossos ideais continuarão como dantes. Não poderemos viver a tarde de nossa vida segundo o programa da manhã, porque aquilo que era muito na manhã, será pouco na tarde, e o que era verdadeiro na manhã, será falso no entardecer” (JUNG, 2016, p. 784)

Para compreender melhor a questão da individuação dentro da fase da vida chamada de metanoia é importante citar a contribuição de Erich Neumann.

“A segunda metade da vida leva depois, através da individuação, à resolução da dialética interior, isto é, entre o ego e o inconsciente coletivo. Na integração da personalidade, o processo corre no sentido inverso ao que a personalidade percorre na sua fase de diferenciação. Chega a haver um posicionamento a meio caminho entre consciência e psique ou entre ego e self, que constela uma nova inteireza entre os sistemas da consciência e do inconsciente, até então em oposição polar. As diferenciações e instancias formadas pelo desenvolvimento da consciência na primeira metade da vida agora estão sendo desmontadas. Isso, no entanto, não ocorre no sentido de uma regressão, como na coletivização de massas, mas no de uma integração, na qual a ampliação e o desenvolvimento da consciência continuam, mas numa nova direção” (NEUMANN, 1995, p. 291)

O conceito de individuação é um dos pilares da teoria Junguiana que tem um enfoque prospectivo, isto é, voltado para a finalidade dos fenômenos e experiências, pois segundo Jung a finalidade da vida seria o desenvolvimento da consciência. Dito de outra forma, é o processo no qual a consciência do ego vai podendo assimilar e integrar conteúdos que antes lhe eram inconscientes. No entanto, Jung sempre deixou claro que este processo não é fácil nem automático.

“Consciência e inconsciente não constituem uma totalidade, quando um é reprimido e prejudicado pelo outro. Se eles têm de combater-se, que se trate ao menos de um combate honesto, com o mesmo direito de ambos os lados. Ambos são aspectos da vida”. (JUNG, 2017, p. 522) “...este percurso e embate do consciente e do inconsciente é a simbologia do processo” (JUNG, 2017, p. 288)

Então o caminho da autorrealização, ou processo de individuação ou desenvolvimento da consciência, exige colaboração ativa do ego consciente e envolve duas questões para o ego: opção moral e vontade.

Opção moral porque o ego ao deparar-se com sua sombra, vai ter de se haver com os conceitos morais introjetados a partir da sua relação com o familiar, o social, o cultural. O ego vai precisar transitar do domínio do moral, conjunto de normas estabelecidas pela sociedade, para o domínio do ético, que tem relação com a sua verdade interior. O cerne do problema moral é a aceitação

de si mesmo. Esse é um movimento custoso, requer sacrifício, é uma confrontação entre duas forças dentro da psique.

“Ao deixar Freud, seu mestre e amigo paternal, Jung estava justamente nesse conflito de deveres. Sua decisão de se separar foi precedida de longas lutas interiores. Ele a tomou obedecendo à voz da consciência e da sua destinação, porém em desobediência ou revolta contra as normas do dever filial, da lealdade, do respeito e da gratidão. Seguiu sua sombra interior. Seu sofrimento e desorientação posteriores à separação provam quão difícil foi essa decisão. De qualquer modo equivaliam a um sacrifício” (ANIELA, 1995, p. 96)

O conceito de sacrifício ou rendição do ego é visto como uma necessidade de desapego por parte do ego a condutas pré-determinadas e a sistemas de crenças que constituíram a base da sua formação.

“A individuação pode, portanto, caminhar em duas direções típicas porem opostas: se o aspecto espiritual da unidade é inconsciente, e por conseguinte, indiferenciado, o objetivo é ampliar a consciência através de uma compreensão mais profunda das normas e relações psíquicas e espirituais. Dentro da conduta da vida é uma questão de sacrificar em nós o ser puramente irrefletido. Se, por outro lado, a nossa consciência se tornou alienada dos instintos, então o aspecto mundano da unidade é constelado, e é uma questão de aceitar a realidade e trabalhar sobre ela, de restabelecer uma conexão com a natureza e os nossos semelhantes. No caso do homem moderno, isso exige com freqüência, o sacrifício de um intelectualismo unilateral” (ANIELA, 1995, p. 83)

O ego vai precisar descolar-se do mito solar do herói, fruto da velha ética dualista patriarcal, que nega o mal e idealiza o bem. “Em geral, a individuação tem início quando o homem se torna consciente da própria sombra, da escuridão e do mal inconsciente, que são, no entanto, parte integrante da sua totalidade...” (ANIELA, 1995, p. 98)

Pela própria natureza deste processo de individuação, entende-se que a consciência precisa querer conversar com o inconsciente e ter a coragem de fazer a descida ao mundo das sombras para resgatar aquilo que precisa ser transformado. Quando o ego/consciência sai desta visita às sombras, ele não é mais o mesmo, não é mais o herói, o bom, o perfeito, o polarizado. Ao sair da unilateralidade e assimilar e integrar os conteúdos conscientes e inconscientes que se opunham, o ego realiza a função transcendente, se habilitando para o mundo simbólico do inconsciente.

Portanto, a individuação não acontece automaticamente, ela é uma decisão que o ego precisa tomar e que envolve a sua vontade, pois ele vai precisar direcionar sua própria libido ou energia psíquica para outro foco. Então, quem individua é o ego e não o self. O self conduz o ego para este processo, mas é o próprio ego que precisa percorrê-lo. E quando finalmente ele se torna capaz de abandonar uma visão literalizada da realidade da vida e capaz de se abrir à uma nova visão, isto significa que ele está se habilitando para a dimensão simbólica da existência.

A Psicologia Junguiana é também chamada de Psicologia Simbólica, porque valoriza e trabalha com os símbolos. Porque não se acessa o inconsciente diretamente, mas sim através de símbolos, de imagens simbólicas, que são a própria linguagem do inconsciente.

Por isso Jung valorizou em sua teoria todos os meios não racionais de comunicação com o inconsciente pessoal e coletivo, tais como Tarô, Astrologia, IChing, Alquimia, Contos de Fadas, Mitos etc.

“Por esse motivo Jung dava grande valor a todos os caminhos não racionais ao longo dos quais o homem tentara, no passado, explorar o mistério da vida e estimular o seu conhecimento consciente do universo que se expandia à sua volta em novas áreas de ser e conhecer. Essa é a explicação do seu interesse, por exemplo, pela astrologia, e é também a explicação da significação do tarô. Ele reconheceu de pronto, como o fez em muitos outros jogos e tentativas primordiais de adivinhação do invisível e do futuro, que o tarô tinha sua origem e antecipação em padrões profundos do inconsciente coletivo, com acesso a potenciais de maior percepção à disposição desses padrões. Era outra ponte não racional sobre o aparente divisor de águas entre o inconsciente e a consciência...” (NICHOLS, 2007, p. 16)

O TARÔ E O ARCANO MAIOR, O ENFORCADO

O que é o tarô

O Tarô é um baralho composto de 78 cartas, de origem muito antiga e desconhecida. Estas cartas também são conhecidas como Arcanos ou Mistérios. O conjunto compreende 22 Arcanos Maiores e 56 Arcanos Menores, os Arcanos Maiores expressam arquétipos universais e estão intimamente relacionados ao inconsciente coletivo, os Arcanos Menores abordam temáticas arquetípicas mais específicas do inconsciente pessoal.

“As 22 cartas dos Arcanos Maiores consistem em uma série de imagens que retratam diferentes estágios de uma jornada. Esta é uma das viagens familiares de muitos mitos, lendas e contos de fadas. Assim como de importantes ensinamentos religiosos. Trata-se da jornada da vida de cada ser humano, desde o seu nascimento, passando pela infância e o poder e a influência dos pais; a adolescência com seus conflitos, amores e contestações; a maturidade, com suas experiências cotidianas e os desafios éticos e morais, perdas e crises, desespero, transformação e o despertar de novas esperanças para, eventualmente, alcançar e realizar um objetivo – que por sua vez, leva a outra jornada...a jornada representada pelos arcanos maiores é arquetípica, significando que, independentemente do que possam ser os detalhes específicos de uma vida individual, longa ou curta, banal ou dramática, boa ou má, alguns estágios estão à nossa espera no caminho do desenvolvimento psicológico”. (SHARMAM, 2016, p. 23)

O Tarô sobre o qual este estudo é baseado é o denominado Tarô de Marsella, considerado um dos mais antigos à disposição. Também serão feitas considerações e correlações provenientes da Mitologia e da Alquimia encontradas em outros baralhos.

“O verdadeiro Tarô é simbólico. Uma vez compreendido o significado oculto de seus símbolos, as cartas se transformam numa espécie de alfabeto que é capaz de um número infinito de combinações e faz sentido em todas elas. O

Tarô incorpora as representações simbólicas das idéias universais, por detrás das quais estão todos os subentendidos da mente humana. É neste sentido que o Tarô contém a doutrina secreta, que é a percepção, por uns poucos, das verdades encerradas na consciência de todos, muito embora elas não tenham sido reconhecidas claramente pelas pessoas comuns. Esta doutrina sempre existiu, foi idealizada na consciência de uma minoria, perpetuada em segredo, de um iniciado para outro e registrada nos livros secretos da alquimia e cabala”. (PRAMAD, 2003, p. 48)

Como dito acima, ao falar de Tarô adentra-se no mundo do simbólico. O símbolo é este “alfabeto” da psique que precisa ser acessado e vivenciado para que a comunicação entre o consciente e o inconsciente flua naturalmente. O símbolo representa alguma coisa que não pode ser apresentada de nenhuma outra maneira e cujo significado inclui muitos opostos aparentes, isto é, possuem a característica arquetípica da ambivalência. Jung sempre deixou claro a importância de diferenciar um símbolo de um sinal ou signo.

“Por símbolo não entendo uma alegoria ou um mero sinal, mas uma imagem que descreve da melhor maneira possível a natureza do espírito obscuramente pressentido. Um símbolo não define nem explica. Ele aponta para fora de si, para um significado obscuramente pressentido, que escapa ainda à nossa compreensão e que não poderia ser expresso adequadamente nas palavras de uma linguagem atual”. (JUNG, 2016, p. 292)

O comportamento humano é arquetípico, guardado no inconsciente coletivo como herança imemorial da humanidade. Os Arcanos do Tarô revelam nas suas imagens as principais situações arquetípicas pelas quais todos nós alguma hora iremos nos confrontar em nossa vida e simbolizam etapas do processo de desenvolvimento e ampliação de consciência do ego. É como se contassem as etapas do percurso do homem no seu caminho do autoconhecimento ou processo de individuação. As cartas do tarô, por representarem simbolicamente estes arquétipos ou forças instintuais, atuam de modo autônomo nas profundezas da psique humana, pois é da natureza de todo símbolo ser um portador e um transmutador da energia psíquica. Portanto, o símbolo sempre evocará uma reação emocional de alguma espécie.

“Por este motivo Jung dava grande valor a todos os caminhos não racionais ao longo dos quais o homem tentara, no passado, explorar o mistério da vida e estimular o seu conhecimento consciente do universo que se expande em sua volta em novas áreas de ser e conhecer. Esta é a explicação do seu interesse pela astrologia e é também a explicação da significação do Tarô. Ele reconheceu de pronto... que o tarô tinha sua origem e antecipação em padrões profundos do inconsciente coletivo, com acesso a potenciais e maior percepção à disposição destes padrões. Era outra ponte não racional sobre o aparente divisor de águas entre o inconsciente e a consciência...” (NICHOLS, 2007, p. 16)

Nisto consiste a importância dada na teoria de Jung ao material simbólico de qualquer natureza, quer sejam sonhos, mitos, desenhos, pinturas etc.

“O inconsciente coletivo até nos é possível julgar parece ser constituído de algo semelhante a temas ou imagens de natureza mitológica, e por esta razão, os mitos dos povos são os verdadeiros expoentes do inconsciente coletivo. Toda mitologia seria uma espécie de projeção do inconsciente coletivo” (JUNG, 2016, p. 97)

Pode-se dizer que mito é a narrativa poética e simbólica de um arquétipo. Todo símbolo carrega em si uma antinomia, isto é, um par de opostos e a possibilidade da sизígia, que é o processo de integração destes opostos que o símbolo abarca. Esta síntese ou integração dentro da psique é o potencial que todo símbolo tem de equilibrar uma unilateralidade de visão da consciência do ego, que impede que a energia psíquica flua. Esta integração de opostos na psique leva à transcendência da dualidade e faz parte do processo de individuação. Sobre esta questão Jung afirma que,

“O modo pelo qual se obtém a harmonização de dados conscientes e inconscientes não pode ser indicado sob a forma de uma receita. Trata-se de um processo de vida irracional, que se expressa em 23 determinados símbolos. Pode ser tarefa do médico acompanhar este processo, ajudando-o da melhor maneira possível. Neste caso o conhecimento dos símbolos é indispensável, pois é nestes que se dá a união de conteúdos conscientes e inconscientes. Da união emergem novas situações ou estados de consciência, Designei por isso a união dos opostos pelo termo “função transcendente”. A meta de uma psicoterapia que não se contenta apenas com a cura dos sintomas é a de conduzir a personalidade em direção à totalidade” (JUNG, 2017, p. 288)

O conceito de função transcendente criado por Jung é de importância fundamental para se entender a potencialidade que tem um símbolo para possibilitar uma transformação ou transdução da energia psíquica ou libido. Através da função transcendente conteúdos psíquicos que ficavam reprimidos, estagnados e impedidos de fluir podem ser integrados liberando um quantum de energia psíquica e com isso fortalecendo o eixo ego/self.

“Quando conseguimos estabelecer a denominada função transcendente, suprime-se a desunião com o inconsciente e então o seu lado favorável nos sorri. A partir deste momento o inconsciente nos dá todo o apoio e estímulo que uma natureza bondosa pode dar ao homem em generosa abundância. O inconsciente encerra possibilidades inacessíveis ao consciente, pois dispõe de todos os conteúdos subliminares (que não estão no limiar da consciência), de tudo quanto foi esquecido, tudo o que passou despercebido, além de contar com a sabedoria da experiência de incontáveis milênios, depositadas em suas estruturas arquetípicas” (JUNG, 2014, p. 128)

As figuras do Tarô, por serem imagens arquetípicas, são atemporais e estão todas ativas em nós.

“Uma viagem pelas cartas do taro, primeiro que tudo é uma viagem às nossas profundezas...pois as cartas do taro, que nasceram em um tempo em que o misterioso e o irracional tinham mais realidade do que hoje, trazem-nos uma ponte efetiva para a sabedoria ancestral do nosso eu mais íntimo”. (NICHOLS, 2007, p. 18)

O Tarô nos ajuda a reconhecer que nos níveis mais profundos do nosso ser ainda habitamos um mundo de mistérios, um mundo atemporal, aespacial, acausal e sagrado. Com o entendimento da dinâmica simbólica encontrada nas cartas do Tarô, será analisado no próximo item deste capítulo o Arcano XII, O Enforcado e as energias arquetípicas evocadas por ele.

O arcano maior XII o enforcado

A carta O Enforcado recebe este nome no tarô de Marsella, porém existem outras denominações referentes a ela em outros baralhos como, O Pendurado e O Afogado.

A imagem desta carta é de um homem pendurado por um dos pés, de cabeça para baixo, entre duas árvores, com galhos podados. Suas mãos estão amarradas para trás. As pernas fazem o desenho do número quatro, como pode ser observado na figura 1.



Figura 1

É uma posição de extremo desconforto, humilhante que gera mal-estar em quem a observa. Acha-se indefeso, mas sua fisionomia, no entanto, está serena, sugerindo aceitação. Subentende-se que deve ter resistido e sofrido muito, antes de atingir esse grau de aceitação e entrega.

A árvore é um símbolo universal da Grande Mãe (Inconsciente). Os galhos podados simbolizam a castração do filho, isto é, da consciência masculina do ego. Simboliza também a possibilidade de um novo crescimento ou renascimento, em uma outra condição de percepção. Lembra também a posição de um bebê recém-nascido.

“O Enforcado, fechado de cada lado pelas duas árvores e em cima pela travessa da forca, pode ser visto como encaixado numa espécie de ataúde. Ao mesmo tempo, o seu contato com as águas subterrâneas maternas sugere o batismo e uma vida nova. A natureza talvez o conserve assim confinado em suas mãos para que ele possa emergir de novo do ventre dela como criatura renascida. Poder-se-ia imaginar que, à semelhança de um infante recém-nascido, ele está sendo seguro pelos calcanhares a fim de poder levar umas palmadas e renascer para uma nova vida”. (NICHOLS, 2007, p. 128)

A posição invertida, cabeça para baixo, para a terra, e os pés para o alto, sugere inversão de valores: a cabeça, o racional, não está mais no comando e no controle da situação. Sugere renúncia da vontade pessoal. Pendurado pelo pé, numa situação profundamente incômoda, revela toda sua vulnerabilidade e total exposição ao mundo: nessa situação nada pode esconder ou guardar, nem suas verdades nem suas mentiras. Sua cabeça, agora no mesmo nível da terra, parece dizer que o homem precisa enfrentar os aspectos mais baixos do seu psiquismo,

simbolizado por tudo o que vive nela: vermes, insetos, plantas, raízes, tudo o que anteriormente era não aparente e menosprezado.

O foco de sua percepção vai transferir-se para as raízes da vida, isto é, para as profundezas escuras do inconsciente. Seus pés, voltados para o céu, parecem dizer que seu chão agora são as estrelas. As mãos amarradas para trás, diferente de outras cartas do Tarô, que as mostram na frente do corpo, sugerem que o ego não está mais no controle da ação. Suas pernas, vistas de baixo para cima, criam o número quatro, mostrando que a solidez, estabilidade e orientação características do Arcano IV O Imperador, tomam forma no inconsciente, porém voltadas para outras espécies de realidades.

O número XII fala de dimensões humanas do tempo (12 horas do dia, 12 horas da noite, 12 meses), mas também fala de dimensões sobre-humanas (12 signos, 12 casas astrológicas), o que revela a intervenção de outras energias muito além do controle do ego. O número 12, além disso, expressa uma relação numérica entre o número 4 (que se refere à realidade quaternária da matéria) e o número 3 (realidade espiritual da Trindade).

Parece que agora a sua percepção está sendo ampliada verticalmente, tanto para cima, no rumo da natureza celeste, quanto para baixo, na direção do mundo subterrâneo da natureza humana (o inconsciente).

Na astrologia, O Enforcado está atribuído ao elemento água e ao planeta Netuno. Na Alquimia, a água é considerada o primeiro princípio, aquilo que está subjacente à todas as coisas, o elemento água para os alquimistas é a consciência.

“A água representa as emoções profundas e as reações sentimentais num grande leque, que vai dos medos e paixões compulsivas até o amor livre de apegos e o amor universal ou devocional. Está diretamente conectada com o processo de conscientização, através da percepção dos anseios mais profundos da psique. Esta idéia é compartilhada pelos alquimistas, para os quais, o elemento Água é consciência, também chamada de Princípio Pensante. A consciência e a Água têm em comum certas propriedades entre as quais está seu movimento ondulatório. Assim, fala-se da “onda da consciência” (PRAMAD, 2003, p. 144)

O “caminho das águas” simboliza esse mergulho no inconsciente pessoal e coletivo e refere-se diretamente ao desenvolvimento da consciência no processo de individuação.

Na Mitologia, O Enforcado é Prometeu, titã castigado por Zeus por ter roubado o fogo divino para oferecê-lo à humanidade, simbolizando a Luz que dissolve as trevas. Prometeu, por saber que seria castigado pela desobediência, é o símbolo da aceitação consciente do sacrifício, da missão sagrada que leva à evolução.

Prometeu/Enforcado, no nível psicológico, simboliza algo dentro de nós que pressente que tais mudanças de padrões de valores são necessárias para o próprio desenvolvimento da consciência e para poder caminhar no processo de individuação.

“...seria o consciente entregando-se ao inconsciente. O ser rende sua mente, sem julgamento nem preconceitos, se deixa fluir nas emanções de seu coração, com a determinação e o desapego da água em seu caminho para o mar, que é a morte do ego” (PRAMAD, 2003, p. 145)

O Enforcado também representa a descida do Espírito na matéria, isto é, a Luz que vem para iluminar a escuridão do inconsciente. Por isso é considerada a carta da “nekya” ou descida aos infernos, o confronto com as sombras do mundo interno.

Esta imagem sugere coragem, paciência, aceitação, humildade, sacrifício, espera, entrega. É um momento de transição na vida do indivíduo, muito mais de atuação interna do que externa, até que possam surgir novos caminhos e uma nova visão de vida. Pode-se deduzir que o grande inimigo a ser vencido é o medo, porque o ser humano tenta manter sua sobrevivência no limite do conhecido e do controlável e o inconsciente é justamente o desconhecido. Por todas essas características pode-se dizer também que esta carta fala de uma experiência de fé.

“O altruísmo e o sacrifício são idéias que sempre têm acompanhado este Arcano. A renúncia à vontade pessoal deve ser entendida, quem se entrega à sua natureza íntima, deixando-a direcionar sua vida, se aproxima inexoravelmente de seu ser superior ou supra consciência, self ou faísca divina, que está perfeitamente sintonizada com a Totalidade e acaba vivendo o êxtase de ser canal da divindade. Não cabe dúvida de que este é um caminho de sofrimento do ego, que inventará infinitas ilusões para não ser desativado” (PRAMAD, 2003, p. 145)

Esta carta é considerada um rito de iniciação, uma dura prova para o indivíduo, pois aqui ele precisa aprender a estabelecer um equilíbrio entre as forças opostas e encontrar um novo centro, até então escondido dentro de si mesmo.

Na análise simbólica da carta do Enforcado, feita acima, subtraem-se os elementos que fazem supor que este arcano está reproduzindo a situação arquetípica da rendição ou sacrifício do ego. No próximo capítulo será visto como essa situação, vivida pelo ego, pode ser entendida como necessária para o processo de individuação.

O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO E O ARCANO O ENFORCADO: O SIGNIFICADO DA RENDIÇÃO OU SACRIFÍCIO DO EGO

O caminho de desenvolvimento percorrido pelo ego/consciência começou no processo de diferenciação da grande fonte primordial ou self, sendo que a sua estruturação e fortalecimento para se tornar uma individualidade foi feita através da valorização do princípio masculino, cujas características são: racionalização, discriminação, separação, redução, dominação, desmistificação, literalização, dessacralização, externalização.

Em termos do eixo ego/self isso significa que houve uma polarização egoica e um afastamento cada vez maior do self ou inconsciente. A sociedade contemporânea voltada para o individualismo, para a competição, para o poder, para o hedonismo, para um ideal de perfeição, acaba por incrementar cada vez mais essa polarização. Em algum momento, porém, o ego vai ter de haver-se com o self, porque a psique é auto reguladora, a tendência da psique é mover-se para o equilíbrio.

“O velho Heráclito, que era realmente um grande sábio, descobriu a mais fantástica de todas as leis da psicologia: a função reguladora dos contrários. Deu-lhe o nome de enantiodromia (correr em direção contrária), advertindo que um dia tudo reverte em seu contrário. A cultura racional dirige-se necessariamente para o seu contrário, ou seja, para o aniquilamento irracional da cultura. Não devemos nos identificar com a própria razão, pois o homem não é apenas racional, não pode e nunca vai sê-lo. Todos os mestres da cultura deveriam ficar cientes disso. O irracional não deve e não pode ser extirpado. Os deuses não podem e não devem morrer”. (JUNG, 2014, p. 83)

O processo de individuação é considerado um movimento inconsciente que direciona o ego para a busca da evolução da psique ou alma. Constatou-se que toda vez que o intelecto e a vontade do ego se tornam inflexíveis e extremamente polarizados, voltados para o poder, a psique ou natureza recorre a medidas extremas para eliminar essa racionalidade, para que o ego se veja forçado a explorar outros aspectos da psique. Sendo assim, reafirmando a fala de Jung, o inconsciente (self) sempre tenta criar uma situação a fim de forçar o indivíduo a sair da unilateralidade, estabelecendo o equilíbrio psíquico num novo nível.

Então, em algum momento da vida, o homem vai se ver com essa energia arquetípica retratada pelo O Enforcado. Como já visto anteriormente, a imagem arquetípica desta carta retrata uma total imobilidade física, uma verdadeira prova de humildade e entrega que traz embutida uma atividade interna, revelada em suas feições serenas. Nitidamente está acontecendo uma inversão de valores e uma recomposição de forças no eixo ego/self representada pela posição invertida.

Independentemente do modo com que a situação mostrada no Enforcado apareça para cada pessoa, isto é, como se dramatize na realidade externa de cada um, uma confrontação desta espécie não é uma experiência fácil e agradável e é frequentemente comparada a um sacrifício.

Mesmo estando muito relacionada à fase da metanoia, em qualquer momento a vida pode trazer este tipo de situação de vários modos, tais como perdas ou traições profundas, doenças físicas ou psíquicas que forcem uma imobilização e uma radical mudança de realidade.

“Jung viu as neuroses ou psicoses que se expressavam nestas várias espécies de becos sem saída, não como moléstias que inibem a vida, mas como medidas corretivas, cujo propósito era favorecer a vida estabelecendo o equilíbrio psíquico num novo nível. Considerava-as como o jeito que tem a natureza de curar o organismo psíquico. Jung viu a situação retratada no Enforcado como um convite para sondar novas profundezas do ser – mais um desafio do que um castigo” (NICHOLS, 2007, p. 223)

É possível corresponder às mudanças extremas na vida, de várias formas. Como todo arquétipo é ambivalente, isto é, tem duplo aspecto, a imagem arquetípica desta carta também remete à luta do ego embutida neste desafio: medo, agitação, resistência, orgulho, desespero, estagnação, apego aos velhos padrões, vitimismo, sentimento de ter sido traído. Algumas pessoas resistem à energia do Enforcado e não conseguem entregar-se nem se adaptar, continuando a agarrar-se ao passado, ao conhecido. Outras se tornam amargas e culpam a vida, Deus, a sociedade, outra pessoa. Isto evidentemente vai significar um sofrimento maior ainda e um conflito intransponível que impede que o ego prossiga no caminho do desenvolvimento da consciência. São perigos que um ego muito polarizado, rígido e sem prontidão para mudanças corre, podendo ser dominado pelo outro polo do eixo ego/self, isto é, totalmente tomado por conteúdos inconscientes, o que também não contribui para uma relação saudável entre consciente e inconsciente.

“Mais cedo ou mais tarde, a verdadeira individuação exige do homem uma disposição de abandonar as pretensões de sua personalidade em favor do self como autoridade supra ordenada, e renunciar a elas sem se perder. A individuação sempre encerra sacrifício, uma “paixão do eu”. Mas não significa exatamente deixar-se tomar; é um abrir mão consciente e deliberado, que prova que se é capaz de dispor de si mesmo, isto é, do seu próprio eu. No entanto, somos conduzidos à essa entrega livre ou voluntária de si pelo self, pelo seu impulso de desenvolvimento e realização própria. A personalidade mais abrangente toma o eu a seu serviço e este torna-se o representante e o realizador do self, no mundo da consciência”. (JAFFE, 1995, p. 90)

A experiência do Enforcado remete à uma transformação da libido ou energia psíquica, porque a imagem de imobilização mostra que o controle da vontade do ego já não está valendo e que o indivíduo ao deixar de resistir e aceitar esta nova situação, está abrindo mão de sua pequena vontade em prol de uma outra vontade, que talvez nem ele próprio possa conhecer ainda. O ego pode não ter livre arbítrio, mas é livre para ampliar sua consciência, “...pois na individuação, é o destino da personalidade do eu ser absorvido no círculo maior do self e ser despojado do suposto livre arbítrio” (JAFFE, 1995, p. 90). Esta liberdade de escolher se entregar voluntariamente a outro centro ordenador, subtendida no Enforcado, é que nos faz supor que o processo de individuação necessita da atuação ativa e voluntária do ego sacrificando sua vontade ao self.

“A experiência forçada roubou do herói a sua independência, mas também pode oferecer-lhe algo novo e precioso se, como Parsifal, ele encontrar a pergunta certa para fazer. A experiência mostra que o enfoque do porque-o-destino-me-escolheu é um beco sem saída. Mas se ele perguntar: “Quem sou eu para que isso me aconteça?” descerrará tesouros ocultos, que o porão em contato com o sentido da vida de um modo novo”. (NICHOLS, 2007, p. 221)

O Arcano O Enforcado e a questão do sentido e significado, tão importante na teoria Junguiana, parecem se relacionar e ambos apontam para o processo de individuação. Segundo Aniela Jaffe,

“A experiência do significado depende de uma percepção da realidade transcendental ou espiritual que se une à realidade empírica da vida e, que juntamente com ela, forma um todo. Psicologicamente, isso é o reconhecimento ou a experiência dos arquétipos intemporais como coordenadores ocultos da vida”. (JAFFE, 1995, p. 24)

Não existe um significado e um sentido definidos, a priori, para se oferecer a ninguém, isto é a tarefa de cada um na própria vida. O que se apreende da citação acima é que o contato com as realidades arquetípicas encontradas no inconsciente é a via de acesso a este sentido e significado.

“Quer dizer, os arquétipos, quando surgem, têm um caráter pronunciadamente numinoso que poderíamos definir como “espiritual” para não dizer “mágico”. Consequentemente, este fenômeno é da maior importância para a psicologia da religião... porque tal experiência traz consigo uma plenitude de sentido até então considerada impossível” (JUNG, 2016, p. 154)

Esta numinosidade se refere ao caráter sagrado dos arquétipos, então quando a consciência aceita fazer uma descida às profundezas do inconsciente, se rendendo à vontade do self, ela está resgatando o contato com sua natureza sagrada, e com todos os deuses que a habitam.

Por isso pode-se dizer que a imagem do enforcado fala da busca de significado, que só pode ser encontrado quando a “pequena” vontade do ego se rende à “grande” vontade do self. Retrata este confronto desafiador que o ego consciência precisa viver, mais cedo ou mais tarde na vida; representa uma mudança de paradigma neste relacionamento entre ego e self ou dito de outra forma, entre consciente e inconsciente.

Esta tarefa desafiadora que se apresenta ao ego consiste em que este reconheça, aceite e permita que o instintual e o arquetípico convivam com a sua natureza racional. A experiência arquetípica do Enforcado é justamente a da rendição ou sacrifício voluntário e consciente do ego, isto é, quando ele para de resistir e o consciente se oferece, se rende, se entrega ao inconsciente, permitindo-se tornar-se uma testemunha amorosa e humilde do self, se revelando e se expressando através dele.

É um caminho de sofrimento para o ego no sentido de ser exigido que ele abra mão do controle e de uma autonomia que até então ele acreditava ter. Essa colaboração ativa e consciente do ego é uma questão de vontade e de opção moral. A pequena vontade do ego, relacionada a seu sistema de crenças, à moralidade, a um ideal social/religioso/familiar, ao seu repertório de personas e aos jogos de poder vai se deparar e precisar se render à grande vontade do self, relacionada às verdades universais e não às pessoais. A vontade do self dá verdadeiramente significado e sentido à vida por religar o homem às suas raízes e verdades eternas e transcendentais.

Ao se abrir para o sentido e o significado das experiências de sua vida, o ego descobre a verdadeira liberdade, pois a experiência do significado transforma qualquer realidade. Quando o

ego reconhece e internaliza o arquétipo do significado ou quando ele cria um mito de significado para as experiências de sua vida, ele se abre para a experiência do sagrado e se prepara para transcender sua própria natureza limitante e limitada, rumo à transcendência dos opostos em sua psique.

É essa atuação da consciência do ego que é reconhecida na psicologia junguiana como rendição ou sacrifício voluntário do ego, experiência arquetípica evocada pelo Arcano O Enforcado. É um desafio determinante e necessário no processo de individuação. É a vivência por parte do ego da desistência do controle e do seu sistema de crenças, do abandono consciente da consciência do ego como força orientadora, e da entrega à uma vontade maior, mesmo que ainda desconhecida. É a experiência da fé autêntica e significa o começo do fim da separatividade do ego.

A figura de Prometeu/Enforcado é um símbolo dessa mudança necessária para o desenvolvimento da consciência, que é o próprio processo de individuação. É uma espécie de espírito visionário dentro do indivíduo que abraça o desafio e se dispõe a abandonar o que era conhecido e valorizado, para aguardar, muitas vezes no desconforto, suspenso entre dois mundos, a vinda de uma nova realidade.

CONCLUSÃO

Com a consciência mais diferenciada, fruto do próprio desenvolvimento do ego, o homem moderno perdeu o contato com sua natureza interior e com as imagens psíquicas nela existentes, comprometendo este eixo ego/self, o que o levou a perder o contato com o sentido e significado de sua vida e experiências. A falta de significado limita a realização plena da vida e pode ser a principal causa de muitas doenças.

Muitas neuroses e doenças psíquicas do homem moderno provém da supervalorização unilateral da consciência racional. Da mesma forma que o indivíduo reconhece a importância de fatores externos que influenciam suas escolhas, suas atitudes e seus comportamentos, os fatores psíquicos internos precisam ser levados em consideração e, mais do que isso, precisam ser reconhecidos como condição essencial para o equilíbrio de uma vida saudável.

O contato do consciente com a inconsciente cura, reintegra porque restaura a conexão com a origem das imagens psíquicas. O objetivo desta monografia foi demonstrar que a imagem arquetípica do Enforcado representa a situação arquetípica e necessária da rendição ou sacrifício do ego, contribuindo para o restabelecimento do eixo ego/self e para o caminho de desenvolvimento da consciência no processo de individuação. O Enforcado, ao retratar a entrega do ego ao self, sinaliza para o começo desta restauração da conexão do consciente com as imagens arquetípicas e com o mundo simbólico do inconsciente. É um rito de passagem no

caminho do autoconhecimento no qual o ego(consciente) e o self (inconsciente) se confrontam e o ego, de forma consciente e voluntária oferece o próprio sacrifício de sua pequena vontade a vontade maior do self ou inconsciente. Quando o ego finalmente se rende, ele se abre para o sagrado em si, libertando-se de uma visão de mundo e de si próprio literal, concreta, racional e adentra no mundo do simbólico, onde vai poder fazer a integração dos seus conteúdos psíquicos, conscientes e inconscientes. Neste sentido foi importante esclarecer o papel do símbolo para a consciência. O mundo dos símbolos forma uma ponte entre a camada da consciência e o inconsciente coletivo, com os seus conteúdos transpessoais. Este trabalho de ampliação de consciência, como foi visto nesta monografia, depende da participação ativa e voluntária do ego, no sentido de não ser um acontecimento automático, mas sim fruto da sua vontade ou libido, que será direcionada para outro centro ordenador.

Ao se reaproximar da vida simbólica, do numinoso, do sagrado, quer seja através da religião, dos sonhos, da expressão artística, do tarô e qualquer outro método de acesso aos mitos e imagens arquetípicas, o indivíduo pode estabelecer contato com seus próprios deuses e com uma vontade maior dentro de si, que pode ser chamado do self, Deus, Inconsciente.

Portanto, as energias arquetípicas evocadas no Enforcado revelam o significado oculto no sacrifício do ego que seria o de tornar-se sagrado, isto é, o de recuperar sua própria herança sagrada. O indivíduo se abre para novas compreensões e visões da vida, para muito além da sua limitada percepção e descobre-se imenso e infinito, experimenta comunhão com o universo, o self, a totalidade. Este é o seu destino, este é o destino teleológico de toda vida.

O significado é um arquétipo e quem tiver criado o seu próprio mito para este arquétipo está qualificado para viver a vida. Descortina-se perante o indivíduo a realidade transcendental, para além das aparências, pois agora os dois mundos que o constituem se fundem em uma unidade significativa, onde os opostos finalmente se integraram.

Ao concluir este trabalho, pode-se dizer que a fé autêntica que é advinda do contato com o sagrado que existe em nós, é aquela que faz o indivíduo sacrificar a própria vontade e juízo de valores e se entregar a uma força impessoal e maior de crescimento e desenvolvimento, chamada processo de individuação.

REFERÊNCIAS

JAFFÉ, Aniela. O Mito do Significado. 1ª Edição. Editora Cultrix. 1995

JUNG, Carl Gustav. A natureza da psique. Volume 8, parte 2. 13ª Edição. Editora Vozes, 2016.

_____. Arquétipos e inconsciente coletivo. Volume 9, parte 1. 17ª Edição. Editora Vozes, 2017.

_____. A vida simbólica. Volume 18, parte 1. – Col. Obra Completa. 3ª Edição. Editora Vozes. 2011

_____. O Eu e o Inconsciente. Volume 7, Parte 2 - Apêndice. 11ª Edição. Editora Vozes. 2015

_____. Psicologia do Inconsciente. Volume 7, Parte 1. 11ª Edição. Editora Vozes. 2014

NEUMANN, Erich. História da Origem da Consciência. Editora Cultrix. 1995

NICHOLS, Sallie. Jung e o Tarô: Uma jornada arquetípica.

15ª Edição. Cultrix. 2007. PRAMAD, Veet. Curso de Tarot. 10ª Edição. Editora Madras, 2003.

SHARMAN-BURKE, Juliet; GREEN, Liz. O Tarô Mitológico. 8ª Edição. Editora Madras, 2016.